

Administração Financeira para Startups

Financial Management for Startups

Bruno Florentino Crespi¹
Fabiane Cristina Spironelli²
Cleide Henrique Avelino³

RESUMO

A Administração Financeira é uma das áreas que demandam atenção dos gestores, pois trata-se de um conjunto de práticas e ferramentas, cujo objetivo é promover a utilização racional e eficiente dos recursos de uma organização a partir do planejamento das finanças, controle e análise dos resultados, sempre em busca da viabilidade do negócio e a lucratividade. Para este estudo buscou-se investigar as características e formas de abordagem da Administração Financeira em *Startups*, que são organizações emergentes e com características peculiares, com modelos diferenciados de gestão. Por meio de pesquisa bibliográfica, este artigo apresenta alguns conceitos importantes da Administração Financeira e a caracterização das *Startups* para compreender como essas empresas se utilizam dessa ferramenta de gestão.

Palavras-chave: Administração Financeira; Gestão Financeira; Gestão Financeira para Startups.

ABSTRACT

Financial Management is one of the areas that demand the attention of managers, as it involves a set of practices and tools aimed at promoting the rational and efficient use of an organization's resources through financial planning, control, and analysis of results, always seeking business viability and profitability. This study sought to investigate the characteristics and approaches to Financial Management in startups, which are emerging organizations with peculiar characteristics and differentiated management models. Through bibliographical research, this article presents some important concepts of Financial Management and the characterization of startups to understand how these companies use this management tool.

Keywords: Financial Administration; Financial management; Financial Management for Startups.

Introdução

A Administração Financeira é um conjunto de ferramentas e práticas que visam à gestão de recursos, sejam eles de pequenas, médias ou grandes empresas, além das finanças pessoais. É o setor que envolve o controle e o planejamento

¹ Acadêmico do 8º termo de Administração do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UniSalesiano Campus Araçatuba.

² Contadora; *Master of Science in Emergent Technologies in Education*; Especialização em Contabilidade, Administração, Finanças e Tecnologia para EAD; Docente do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UniSalesiano Campus Araçatuba.

³ Contadora; *Master of Science in Emergent Technologies in Education*; Especialização em Contabilidade, Administração Finanças e Tecnologia para EAD; Docente do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UniSalesiano Campus Araçatuba.

financeiro, da coleta de dados à análise das informações, de forma a obter lucros, podendo ser exercida nas mais variadas formas de organizações.

Uma das formas de organização em que a Administração Financeira deve ser aplicada são as *Startups*, empresas com configurações diferentes das tradicionais, que se utilizam das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC em suas operações, favorecendo seu rápido crescimento. São organizações que podem funcionar até mesmo sem local físico, sendo muito comum sua existência apenas em ambiente digital.

Considerando o crescimento das *Startups* e a importância da correta gestão de recursos para o sucesso das organizações, esta pesquisa tem como objetivo estudar os conceitos de Administração Financeira voltada para modelo de *Startups*. Buscou-se ainda investigar as especificidades da Administração Financeira para o modelo de *Startups*; explicar as estratégias da Administração Financeira para o desenvolvimento de *Startups* financeiramente sólidas; demonstrar a aplicabilidade e conceitualizar a utilização da Administração Financeira em *Startups* para obter um desenvolvimento sólido e sustentável.

O estudo foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica com base em autores renomados em Administração Financeira e Gestão de *Startups*, utilizando-se livros e artigos para demonstrar os conceitos da Administração Financeira e sua aplicação em *Startups*.

Conceito de Administração Financeira

De acordo com Gropelli; Nikbakht (2010), o termo finanças refere-se à aplicação de uma série de princípios econômicos e financeiros para maximizar a riqueza ou o valor total de um negócio. O controle adequado das finanças permite à empresa maximizar a riqueza investindo em projetos e adquirindo ativos, cujos retornos combinados produzem os lucros mais altos possíveis com os menores riscos.

A Administração Financeira é a área responsável pelas atividades financeiras de uma organização, como planejamento, orçamento, controle e investimentos. É responsável pelo gerenciamento do fluxo de caixa, controle de estoques e atividades de crédito e cobrança, além das atividades de contabilidade, tesouraria e auditoria. (CHIAVENATO, 2022)

Segundo orientações do Sebrae (2022), a não aplicação correta da Administração Financeira pode causar vários problemas à empresa, como a impossibilidade do controle de saldo de caixa por falta de dados registrados corretamente.

Torna-se difícil também o controle dos valores devidos, recebíveis e de estoque, impossibilitando a verificação da situação da empresa, se está tendo lucro ou prejuízo, o que evidencia a importância do uso de ferramentas de gestão financeira, pois “[...] uma boa gestão possibilita que o empreendimento alcance um fluxo de caixa positivo e um funcionamento sustentável”. (SEBRAE, 2018, p. 9)

Funções do Administrador Financeiro

O Administrador Financeiro em qualquer formato de organização cumpre a função de fazer a gestão de forma consciente e eficaz, buscando o aumento da base de recursos e riquezas da organização, mitigando os riscos de forma a manter a saúde financeira equilibrada.

As atribuições do Administrador Financeiro são abrangentes, partindo do planejamento financeiro e análise de resultados; alocação correta dos recursos e sua captação; contas a receber e a pagar, controlando as entradas e saídas dos recursos; controle de estoque e sua gestão, acompanhando o volume de vendas; conciliação e operações bancárias, controlando o fluxo de caixa e evitando desperdícios; definição de preços, atuando diretamente, para que haja um acompanhamento dos processos financeiros. (CHEROBIM, 2016)

O Administrador Financeiro trabalha em parceria com outros profissionais da organização para que o fluxo de informação seja coerente e reflita a realidade da empresa. Como pontua Hoji (2017, p. 8),

O administrador financeiro recebe o apoio técnico de profissionais especializados em Tesouraria e Controladoria. Os executivos responsáveis por essas duas áreas recebem o título de tesoureiro (ou gerente financeiro) e *controller* (ou contador), respectivamente.

O Administrador Financeiro deve ser um profissional com boa comunicação, com diversos setores, para que assim tenham um alinhamento das estratégias. Deve também ser um bom líder, fomentando a motivação e incentivando os colaboradores na busca das metas estabelecidas. Destacam-se ainda as seguintes habilidades para

um bom desempenho do Administrador Financeiro: trabalho em equipe; boa argumentação; organização; ser inovador e criativo. (CATHO COMUNICAÇÃO, 2021)

Como pode ser verificado, o Administrador Financeiro é um profissional multifacetado, com conhecimentos técnicos e habilidades socioemocionais que permitem atuar na organização de forma colaborativa com outros profissionais em busca da lucratividade e competitividade da organização.

Funções da Administração Financeira

Conforme Lemes Junior; Rigo; Cherobim, (2005), Administração Financeira tem algumas funções específicas. Uma delas é a função financeira, que se organiza em duas importantes áreas:

- a) Gerência Financeira ou Tesouraria, que abrangem atividades de administração de caixa, crédito, cobrança, financiamento e investimento;
- b) Controladoria, responsável pela auditoria interna, controle patrimonial, planejamento tributário, relatório gerenciais e sistemas de informação financeira.

Cherobim (2016, p. 5), explica que a gerência financeira e a controladoria “surgem e se expandem ou desaparecem dependendo do interesse e das necessidades de cada empresa, variando segundo sua natureza, porte e estágio de desenvolvimento”.

A Função Financeira busca atender as necessidades de capital de giro e a longo prazo da empresa, minimizar riscos financeiros, gerenciar a tesouraria, estabelecer a política de investimentos e de remuneração de capital de terceiros, além de garantir o cumprimento das obrigações fiscais. Também envolve a estruturação do capital e da gestão de resultados. (HIGGINS, 2014)

A controladoria engloba atividades de administração de custos e preços, auditoria interna, avaliação de desempenho, contabilidade, orçamento, controle patrimonial, planejamento tributário, relatórios gerenciais e sistemas de informação financeira. (LEMES JUNIOR; RIGO; CHEROBIM, 2005)

Fazem parte das funções da Administração Financeira os seguintes elementos: capital; capital de giro; rentabilidade; liquidez; risco; retorno; fluxo de caixa; custo de oportunidade. (LEMES JUNIOR; RIGO; CHEROBIM, 2005)

Capital

O Capital é o recurso financeiro que a empresa dispõe para se manter em atividade, investir e crescer. É composto pelos itens do não exigível, ou seja, é o capital permanente dos proprietários ou acionistas da empresa.

O Capital Próprio é a base do Capital Social, que é a soma do capital social integralizado e o capital social não integralizado.

O capital é o valor líquido dos ativos de uma empresa. O capital constitui o recurso financeiro básico da empresa: o investimento efetuado pelos proprietários ou acionistas para criação e a operação da empresa. Contudo, não é só o capital investido pelos acionistas que dinamiza a empresa. Ela utiliza capital de terceiros na operação de seus negócios. Assim, quanto à sua propriedade, existem dois tipos de capital: o capital próprio e o capital de terceiros. Capital próprio: é composto pelos itens do não exigível, isto é, o capital pertencente aos proprietários ou acionistas da empresa. Capital de terceiros: corresponde às exigibilidades da empresa, como empréstimos, debêntures e ações preferenciais. É também denominado capital externo, pois não é propriedade da empresa. (CHIAVENATO, 2022, p. 43)

O capital próprio, de forma geral, existe para financiar as necessidades de longo prazo, cabendo a seus proprietários o risco principal do negócio, mas também o prêmio maior, representado pela maior remuneração. Normalmente, a expectativa é de elevado retorno. Os acionistas ou proprietários investem dinheiro na organização assumindo os riscos, porém focados no provável retorno de seu investimento. (LEMES JUNIOR; RIGO; CHEROBIM, 2005)

Já o Capital de Terceiros é a remuneração dos financiamentos de longo prazo, após o Imposto de Renda. Padoveze (2013), explica que as fontes de capital de terceiros devem ser remuneradas de acordo com os termos estabelecidos previamente em contrato, por meio dos juros ou prêmios, independentemente de a empresa ter ou não lucro suficiente para tanto. São considerados como renda fixa.

Capital de Giro

O capital de giro é composto por todos os ativos circulantes de uma empresa, que podem ser divididos em dois grupos: ativos não financeiros (investimentos, estoques, propriedades intangíveis); ativos financeiros (caixa, contas a receber, títulos, dentre outros). (CHIAVENATO, 2022)

A atividade mais conhecida da Gestão Financeira é a administração do capital de giro. Na realidade, o dia a dia do administrador de recursos financeiros é quase totalmente tomado pela administração dos ativos correntes. O planejamento e a operação das entradas e saídas do caixa constituem, talvez, a parte mais representativa do trabalho da Gestão Financeira. (CHIAVENATO, 2022, p.43)

A duração média de conversão dos ativos circulantes em caixa é conhecida como ciclo operacional, o qual é importante para a gestão do capital de giro, pois quanto maior o ciclo operacional, maior o capital de giro necessário.

“Capital Circulante ou Capital de Giro é o investimento que a empresa utiliza para custear e manter seus gastos operacionais do dia a dia, sejam eles fixos ou necessários para a produção, comercialização ou prestação de serviço”. (CHEROBIM, 2016, p. 351)

Entender como funciona e quais os elementos que envolvem a administração do capital de giro não é uma opção, mas sim uma obrigação para o administrador financeiro, pois está ligada ao dia a dia da função, sendo um elemento crucial para a tomada de decisão da empresa, podendo determinar o desenvolvimento ou não da mesma.

Rentabilidade e Liquidez

A Rentabilidade e a Liquidez são dois dos principais indicadores da saúde financeira de uma empresa. Enquanto a rentabilidade mede o lucro que uma empresa gera em relação ao seu capital investido, a liquidez, por sua vez, mede a capacidade de uma empresa de pagar suas dívidas no curto prazo. Juntos, esses indicadores fornecem uma visão geral da saúde financeira da empresa e da sua capacidade de gerar lucros e cumprir obrigações a curto prazo. (CHIAVENATO, 2022)

Chiavenato (2022), assim caracteriza a rentabilidade e a liquidez:

a) Rentabilidade: o investimento é alcançado à medida que o negócio da empresa proporciona a maximização dos retornos dos investimentos feitos pelos proprietários ou acionistas. Trata-se da capacidade de um capital aplicado ou investido render dividendos ou ganho em dinheiro, sendo que na maior parte dos casos, ela é inversamente proporcional à segurança do investimento e à liquidez;

b) **Liquidez:** é representada pelo disponível, ou seja, pelo dinheiro em caixa mais os títulos de mercado, e pelo realizável no curto prazo, que são as mercadorias vendidas em prazos inferiores a seis meses, duplicatas e promissórias. “A liquidez representa a disponibilidade em moeda corrente, meios de pagamento, posse de títulos ou valores que podem ser convertidos rapidamente em dinheiro.” A liquidez pode ser maior ou menor em função do tipo de aplicação financeira, pois ela é inversamente proporcional aos prazos negociados, assim, aplicações de longo prazo têm menor liquidez que aplicações de curto prazo. (CHIAVENATO, 2022, p. 9)

Chiavenato (2022), explica que para equilibrar rentabilidade e liquidez, a Gestão Financeira procura obter recursos financeiros do mercado e utilizar e aplicar os recursos financeiros em seu negócio ou em atividades paralelas como um meio acessório de aumentar seus recursos. É importante ainda considerar que a rentabilidade máxima pode comprometer a liquidez da empresa, pois os retornos estão submetidos a diferentes períodos de tempo.

De certa forma, não é possível maximizar a rentabilidade ao mesmo tempo que a liquidez. Deve-se equilibrar a rentabilidade com o grau de liquidez desejado, podendo pulverizar os investimentos, em que uma parte dos recursos fique em investimentos com menos rentabilidade e maior liquidez e uma outra parte em investimentos com maior rentabilidade conseqüentemente com um maior risco e menor liquidez. (CHIAVENATO, 2022)

Risco e Retorno

A gestão de risco é um aspecto importante da administração financeira, pois ajuda a minimizar os custos associados ao risco. De modo geral, risco é uma medida da volatilidade ou incerteza dos retornos, e retornos são receitas esperadas ou fluxos de caixa previstos de qualquer investimento. (GROPELLI; NIKBAKHT, 2010)

A gestão de risco envolve a identificação, análise e aceitação ou mitigação de riscos, considerando que risco significa a possibilidade de perigo, algo incerto, porém previsível e que ameaça a empresa. Há uma recorrente e constante relação entre lucro e risco, pois quanto maior o lucro desejado, maior o risco enfrentado. (CHIAVENATO, 2022)

Já o retorno é o valor agregado proveniente de um investimento, seja de perda ou ganhos. Em outras palavras, é o total de lucros ou perdas de investimentos realizados anteriormente.

Chiavenato (2021, p. 127), assim define retorno:

Retorno significa ganhos ou perdas nos quais o proprietário de um ativo incorre durante certo período, ou seja, um rendimento a maior ou a menor o retorno é calculado por meio da soma dos pagamentos periódicos (dividendos ou juros) e da valorização de capital do ativo (que é o retorno total). Já o risco é o grau de incerteza associado ao resultado de um investimento, ou seja, uma possibilidade de perda.

Nessa definição, o autor destaca dois tipos de risco: o econômico e o financeiro. O risco econômico é inerente ao negócio da empresa, trata-se da incerteza ou variabilidade relativa dos resultados que dependem de variáveis como o ramo de atividade, mercado, conjuntura econômica do país, tipo de operação, dentre outras. O risco econômico pode ser entendido como consequência da estrutura dos ativos e do negócio da empresa.

Já o risco financeiro relaciona-se a não conseguir a remuneração do investimento, está ligado à remuneração do capital de terceiros e corresponde à variabilidade dos retornos para o acionista. Esse risco é consequência da estrutura das fontes de recursos da empresa (passivos exigíveis ou não), principalmente em termos de endividamento relativo. “O risco financeiro está ligado à proporção de utilização de recursos que exigem remuneração fixa e prioritária à dos acionistas”. (CHIAVENATO, 2021, p. 127)

O risco está presente em todas as atividades econômicas e empresariais. Quando é decidido um investimento, buscando um resultado futuro, está sempre sujeito a um grau de risco, ou seja, pode-se dizer que o risco é a variabilidade do retorno. (HOJI, 2017)

Chiavenato (2021), explica que é necessário manter um equilíbrio entre o risco econômico e o risco financeiro. Quando o risco econômico proporcionado pelo mercado for alto, deve-se reduzir o risco financeiro de modo a evitar alto endividamento e baixar a proporção de capital de terceiros.

Fluxo de Caixa

O Fluxo de Caixa é a movimentação dos recursos do caixa ao longo do tempo, devendo haver pelo menos uma entrada e uma saída. (CHIAVENATO, 2021)

Em toda operação financeira ocorrem entradas e saídas de recursos. Por exemplo: ao receber dinheiro proveniente de um empréstimo (entrada de caixa) e devolvê-lo após um determinado período, terá o acréscimo de juros. Esse valor é determinado a partir da quantia, prazo, juros e impostos decorrentes da operação, determinando a parcela (saída de caixa). Já as aplicações fazem o caminho inverso: assim que aplicado o recurso, dá-se a saída de caixa e quando a aplicação retorna com a correção de juros e encargos, tem-se a entrada de caixa.

O fluxo de caixa significa o movimento de entradas e saídas de recursos do caixa, ou seja, trata das origens (entradas) e das aplicações (saídas) de caixa. [...]. Na prática, o planejamento de caixa, ou orçamento de caixa, constitui um planejamento financeiro de curto prazo e que cobre o exercício fiscal de 12 meses. O orçamento de caixa permite planejar as necessidades de caixa de curto prazo, pois dá uma visão dos recebimentos e dos pagamentos previstos que ocorrerão durante o período. Se o orçamento de caixa indica algum excesso (mais recebimentos do que pagamentos), pode-se planejar aplicações de curto prazo. Se, ao contrário, indica um déficit (mais pagamentos do que recebimentos), deve-se planejar e contratar um financiamento de curto prazo. (CHIAVENATO, 2021, p. 131)

Como explica Chiavenato (2021), as origens de caixa são entradas que aumentam o caixa da empresa, enquanto as aplicações de caixa são saídas que reduzem. Essa movimentação é constante e precisa ser acompanhada, já que o orçamento de caixa permite ao empresário ou gestor financeiro planejar as entradas e saídas de recursos, prevenindo assim situações críticas de caixa.

Custo de Oportunidade

O custo de oportunidade é o valor que é renunciado a partir do ato de tomar uma certa decisão. Conforme Nanán (2008), trata-se de um custo associado a uma determinada escolha e que é medido em termos da melhor oportunidade perdida e está ligado diretamente ao fato de o mundo estar em escassez.

“De fato, é a escassez que nos obriga a efetuar escolhas, o que implica prescindirmos de determinados bens e, portanto, implica a existência de um custo de oportunidade sempre que tomamos uma decisão”. (NANAN, 2008, p.1)

Dessa forma, o custo de oportunidade representa o valor atribuído a melhor alternativa quando se toma uma decisão.

Um custo de oportunidade retrata quanto uma pessoa (empresa) sacrificou de remuneração por ter tomado a decisão de aplicar seus recursos em determinado investimento alternativo, de risco semelhante. Por exemplo: o que se deixou de fazer no tempo dedicado ao estudo de Finanças. Da mesma forma, ao adquirir ações do Banco Bradesco, o investidor deixou de aplicar seus recursos em alguma alternativa disponível[...]. (ASSAF NETO, 2019, p. 332)

Quando se trata de custo de oportunidade, subentende-se que há duas ou mais alternativas de decisão que, quando tomada, a chance de adotar alguma das outras é excluída.

Para poder calcular o custo de oportunidade, deve-se ter duas ou mais opções de investimentos semelhantes, com o risco de investimentos equivalentes. Dessa forma, a comparação da taxa de retorno será feita adequadamente.

Gestão Financeira Aplicada em Startups

As *Startups* vêm crescendo no cenário econômico e utilizam as ferramentas da Administração Financeira com algumas particularidades, buscando em alguns estágios de seu desenvolvimento, o levantamento de capital. Diferentemente de uma empresa tradicional, nesse modelo de negócio podem ser demonstrados resultados negativos, que mesmo assim é comum a entrada de novos investidores mesmo com esse cenário. Os resultados negativos indicam o caminho a não ser seguido pela empresa. Como exemplo, Vilenky (2021) cita o caso da Netflix, que com base na audiência da programação, mantém ou retira um programa do ar. É uma forma de manter se catálogo condizente com o desejo da grande maioria de seus clientes.

De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2022), as *Startups* são organizações formadas por um grupo de pessoas à procura de um modelo de negócios repetível e escalável, trabalhando em condições de extrema incerteza.

Trata-se de um conceito utilizado para novas empresas que buscam solucionar problemas entregando um produto de forma ilimitada, ou seja, esse produto ou serviço pode ser fornecido de forma independente da que lhe é demandada. Essas empresas denominadas de *Startups* têm um modelo de

crescimento rápido sem interferir no custo operacional, porém se obtiver aportes, o crescimento tende a ser ainda maior. (LOSADA, 2020)

Assim sendo, destaca-se que “quanto maior o conhecimento em gestão financeira para *Startups*, maiores vantagens competitivas o empreendedor adquire no mercado. Por isso, é fundamental estudar as melhores práticas e ferramentas disponíveis”. (SEBRAE, 2018, p. 1)

Conforme uma pesquisa realizada pela Fundação Dom Cabral em 2015, 25% das *Startups* se encerram no primeiro ano de formação e 50% antes de completar 4 anos. Tais números são atribuídos, em sua grande maioria, por falta de planejamento financeiro. (SEBRAE, 2018)

O Sebrae (2022, p. 1), adverte que “[...]nos estágios iniciais de uma *Startup*, é essencial manter [as] despesas sob controle, até mesmo para que ela se mostre vantajosa aos olhos de potenciais investidores”.

Como se observa, a gestão financeira é uma parte importante da gestão de uma *Startup*, pois ajuda a garantir que a empresa esteja se financiando de forma adequada, cumprindo suas obrigações financeiras e investindo em seu crescimento. Para ser eficiente uma *Startup* deve abranger várias áreas, incluindo o planejamento financeiro, a análise de riscos, a gestão de caixa e o controle de gastos. (LOSADA, 2020)

O Planejamento Financeiro para *Startups* ajuda a garantir que a empresa tenha os recursos necessários para crescer e se desenvolver. É importante ter um orçamento bem planejado e seguir o orçamento para garantir que a empresa esteja gastando seus recursos de forma eficiente.

A análise de riscos é outra área importante da gestão financeira, pois ajuda a identificar as ameaças que podem afetar a *Startup* e tomar medidas para minimizar esses riscos. É importante considerar vários fatores ao analisar os riscos, incluindo o mercado, a concorrência, a economia e as tendências do setor. (LOSADA, 2020)

Na visão de Maurya (2018), deve-se considerar que as *Startups* são arriscadas, cabendo aos empreendedores baixar sistematicamente os riscos ao longo do tempo.

No que se refere à gestão de caixa, essa prática ajuda a garantir que a *Startup* tenha os recursos necessários para cumprir suas obrigações financeiras. A gestão de

caixa inclui a identificação de fontes de capital, a gestão de investimentos e a geração de Fluxo de Caixa. (ASSAF NETO, 2019)

O controle de gastos é outra ferramenta importante da gestão financeira, pois ajuda a garantir que a *Startup* esteja gastando seus recursos de forma eficiente. É importante monitorar os gastos para garantir que a empresa esteja investindo seus recursos de forma estratégica e não desperdice dinheiro. (MAURYA, 2018)

As particularidades da gestão financeira para *Startups* são muitas e variadas. Uma das principais características desse tipo de organização é a inovação. Enquanto a maioria das empresas se concentra em aumentar seus lucros, as *Startups* se concentram em criar produtos e serviços inovadores.

Losada (2020, p. 39), pontua que:

[...] empresas amplamente aceitas como startups têm algumas características em comum: são inovadoras, estão em seus primeiros estágios de vida, são ambiciosas em termos de velocidade de crescimento e de retornos almejados, têm como investidores agentes que não apresentam expectativas de curto (ou até médio) prazo para obtenção de seus retornos – pelo contrário, é comum que startups de sucesso não vislumbrem nenhuma geração de lucro nos primeiros anos do negócio. Startups são geralmente agressivas em suas propostas e estratégias, o que muitas vezes envolve navegar em mares desconhecidos e lançar tendências.

Enquanto as grandes empresas têm muitos funcionários e uma estrutura hierárquica complexa, as *Startups* são geralmente compostas por um pequeno grupo de pessoas que trabalham em estreita colaboração. Isso significa que têm que ser mais flexíveis e ágeis em sua abordagem à gestão financeira, a fim de acompanhar o ritmo acelerado do mercado. (MAURYA, 2018)

Além disso, tendem a ter um horizonte de tempo mais curto do que as grandes empresas, o que significa que elas precisam tomar decisões financeiras mais rápidas. Isso requer um nível de agilidade e flexibilidade que muitas vezes é difícil de alcançar em uma grande empresa.

Conforme Losada (2020), a definição do modelo de negócio das *Startups* é muito alinhada aos conceitos de estratégia, tais como: definição do mercado, público-alvo, cliente, produto, dentre outros. É alinhado também aos conceitos de finanças, relacionados à análise de sua viabilidade econômica e capacidade de geração de valor.

“Sendo assim, pensar se o modelo de negócio funciona significa pensar se a ideia é consistente, se o produto é consistente, se os recursos são consistentes e, não menos importante, se as finanças do negócio são consistentes!”. (LOSADA, 2020, p. 35)

Para a captação de recursos de uma *Startup* é comum a utilização do *funding*, termo que se refere à utilização de recursos financeiros, ou seja, captação de um investimento específico, previamente acordado. O ciclo do *funding*, ou captação de recursos para *Startup*, é de cerca de cinco anos, sendo necessário um bom planejamento, para atender às demandas do mercado. (LOSADA, 2020)

Existem várias formas de se levantar o investimento inicial para constituir uma *Startup*: pode ser através de um empréstimo ou financiamento, de um empreendedor de capital de risco ou de uma empresa de capital empreendedor. Outra opção é o *Crowdfunding*, termo definido por Losada (2020, p. 100) como,

[...] uma forma de captação participativa (financiamento coletivo) disponível a empresas de pequeno porte, geralmente por meio de plataformas eletrônicas, que dispensam diversas exigências de registro e burocracias típicas de outras captações de maior volume.

A estratégia da campanha de *Crowdfunding* é destinada a empreendedores com boas ideias, mas que não possuem recursos suficientes para desenvolver ou expandir de forma rápida. Nessa estratégia de negócio é cedida uma participação acionária em troca do investimento acordado, podendo acontecer antes ou depois da entrada de um investidor anjo. (LOSADA, 2020)

É importante ainda atentar-se para os momentos corretos de se investir ou deixar passar uma oportunidade incerta. Sendo assim, todos os processos de uma empresa quer tradicionais, quer *Startups* devem ser feitos no tempo adequado quanto ao crescimento, desenvolvimento, cenário macro e microeconômico, dentre outras variantes. Desde o primeiro produto ou serviço até o mercado de capital de risco, a entrada em bolsa e analisar o momento certo conta muito para o sucesso de uma empresa. Essa análise do momento correto é chamada de *Timing*.

[...] Timing também tem relação com finanças! Imagine que uma Startup seja altamente inovadora e está adotando a estratégia de criação de mercado. Steve Jobs, por exemplo, em inúmeras ocasiões foi considerado genial por antecipar-se e criar soluções para necessidades que as pessoas ainda não conheciam conscientemente. No entanto, qual o custo da

criação de mercado? O custo de tempo e de dinheiro? Qual a fonte de recursos apropriada para sustentar essa criação de mercado, até onde investir – e quando desistir? Imagine, agora, o caso de uma empresa que está nascendo em um *timing* diferente: em que o mercado já está criado, e a demanda já existe. Quão diferente será sua necessidade de investimentos – em capital *expenditures* (Capex), investimentos pré-operacionais e até em capital de giro – e qual adequação ao *funding* deverá ser feita? Veja só, até o timing tem tudo a ver com finanças[...]. (LOSADA, 2020, p. 35)

O *Timing* relaciona-se à análise e escolha do melhor momento para se tomar uma decisão, podendo essa escolha fazer a diferença entre o sucesso e o fracasso. A decisão de um determinado investimento feito em momentos diferentes tende a ter resultados também diferentes, pois os movimentos de mercado raramente se repetem simultaneamente. (LOSADA, 2020)

Como pode ser observado, a Administração Financeira requer um olhar atento e cuidadosa, que vá de encontro aos objetivos da empresa e, no caso das Startups, é necessário ainda considerar suas peculiaridades, com atenção ao *Timing* e à volatilidade e dinamicidade do mercado.

Conclusão

Após as pesquisas realizadas foi possível verificar que a gestão financeira tradicional é baseada em um modelo de negócios mais conservador, em que o foco é preservar o capital e gerar um retorno seguro e estável. Já a gestão financeira para *Startups* é mais ousada e baseada em um modelo de negócios mais inovador, já que o foco é crescer de forma rápida e gerar um retorno mais elevado.

A gestão financeira tradicional tende a ser mais burocrática e envolve mais processos e procedimentos, ao passo que a gestão financeira para *Startups* é mais ágil e enxuta, pois é baseada em um modelo de negócios mais simplificado. Consequentemente, a gestão financeira tradicional tende a ser mais onerosa, pois necessita de mais pessoas e recursos, enquanto a gestão financeira para *Startups* pode ter menor custo, pois é baseada em um modelo de negócios mais eficiente e econômico.

Independentemente do formato de empresa, tamanho, com ou sem fins lucrativos, adotar práticas de gestão adequadas às suas particularidades e alinhadas aos objetivos da organização são imprescindíveis para o sucesso, devendo essas práticas serem adaptadas de acordo com a realidade da empresa.

Referências Bibliográficas

ASSAF NETO, Alexandre. **Curso de Administração Financeira**. 4. ed. São Paulo: 2019.

CATHO COMUNICAÇÃO. **As principais características do profissional da área de Administração**. 2021. Disponível em: <https://www.catho.com.br/carreira-sucesso/carreira/administracao/as-principais-caracteristicas-do-profissional-de-administracao/>. Acesso em: 16 set. 2022

CHEROBIM, Ana Paula. **Administração Financeira**. 4. ed. São Paulo: 2016.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão Financeira: uma abordagem introdutória**. 4. ed. São Paulo: 2022.

CHIAVENATO, Idalberto. **Administração para todos: ingressando no mundo da gestão de negócios**. 3. ed. São Paulo: 2021.

GROPELLI, Antônio. A.; NIKBAKHT, Ehsan. **Administração Financeira**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

HIGGINS, Robert C. **Análise para Administração Financeira**. 10. ed. Porto Alegre: 2014.

HOJI, Masakazu. **Administração Financeira e Orçamentária**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LEMES JÚNIOR, Antônio; RIGO, Cláudio; CHEROBIM, Ana. **Administração Financeira: princípios, fundamentos e práticas brasileiras**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LOSADA, Bruna. **Finanças para startups: o essencial para empreender, liderar e investir em startups**. São Paulo: Saint Paul, 2020.

MAURYA, Ash. **Comece sua startup enxuta: aprenda a aplicar a metodologia Lean em seu (novo) negócio**. São Paulo: Saraiva, 2018.

NANAN, Tádzio. **Custo de Oportunidade**. 2008. Disponível em: https://esmec.tjce.jus.br/wp-content/uploads/2008/10/custo_de_oportunidade.pdf. Acesso em: 11 set. 2022.

PADOVEZE, Clóvis L. **Introdução à Administração Financeira**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning Brasil, 2013.

SEBRAE BA. **Problemas com capital de giro: o que fazer?** 2018. Disponível em: <http://www.5docredito.com.br/wp-content/uploads/2018/09/ebook-sebraeba-problemas-com-capital-de-giro-o-que-fazer.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2022.

SEBRAE MG. **Gestão Financeira para startups**. 15 nov. 2018. Disponível em: <https://sebraemg.com.br/blog/gestao-financeira-para-startups>. Acesso: 15 de setembro 2022. Acesso: 10 set. 2022.

SEBRAE. **O que é uma Startup?** 25 mar. 2022. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/o-que-e-uma-startup,6979b2a178c83410VgnVCM1000003b74010aRCRD>. Acesso: 10 set. 2022.

VILENKY, Renata. **Startup**: transforme problemas em oportunidade de negócios. São Paulo: Saraiva, 2021.